

ÍTEGRA

FH faz críticas ao trabalho infantil

Discurso do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, na cerimônia de assinatura dos atos relativos à erradicação do trabalho infantil.

"Senhor vice-presidente da República, Dr. Marco Maciel, Senhores ministros de Estado aqui presentes,

Senhores governadores, que nos dão a honra de assistirem a cerimônia, Senhores vice-governadores, Senhores secretários de Estado, Senhores parlamentares, Presidentes de confederações dos trabalhadores e patronais, das centrais sindicais, Senhores dirigentes e representantes das organizações não-governamentais, Senhoras e senhores.

Já se está tornando habitual aquilo que, há alguns anos, seria impensável: um encontro, em várias regiões do Brasil e aqui, no Palácio do Planalto também, de setores que, aparentemente, estariam muito distanciados uns dos outros. O governo federal, os governos estaduais, municipais, empresários, trabalhadores, representantes das organizações não-governamentais.

Isso é o sinal do novo. Um sinal para dar concreção, a exemplificar, na verdade, o que disse o governador Tasso Jereissati de que, efetivamente, houve uma mudança no Brasil. Houve uma mudança no Brasil. Essa mudança permite que se veja, com muita clareza, que há um caminho imenso a percorrer. E todos que aqui falaram, mencionaram, a começar pelo meu companheiro Urbano, presidente da Contag.

Na verdade, essa mudança tem um lado muito positivo, que é o de mostrar o tamanho dos problemas porque a inflação — e não só a inflação —, a desorganização político-administrativa impedia que se visse com maior clareza. E ambas estão ligadas, essa desorganização política com a inflação. Mas, além de se verem com maior clareza

za os problemas foi possível também, e está sendo possível, criar uma atitude de convergência. E convergência não quer dizer coincidência de pontos de vista. Quer dizer outra coisa. Quer dizer que, a despeito de diferenças, que sempre são normais numa sociedade do tipo da nossa, que haja objetivos que possam tornar-se comuns, como é o caso da erradicação do trabalho infantil.

Isso é inaceitável. É inaceitável, qualquer que seja a nossa ótica, o nosso partido, a nossa posição na sociedade, a nossa visão de futuro, que pode ser muito diferente uns dos outros. Mas não podemos deixar de coincidir na condenação indignada, como disse o ministro do Trabalho, indignada da existência do trabalho infantil, nas proporções em que ele ainda existe no Brasil. O IBGE disse que são 3 milhões e meio de crianças. Não sei quantas são, mas são muitas. Eu sei que uma boa parte dessas crianças — as estatísticas também dizem isso — têm acesso à escola, mesmo as que trabalham, o que é positivo.

Mas há algumas formas de trabalho que são aviltantes, no conjunto dessas 3 milhões e meio de crianças: o trabalho duro na cana-de-açúcar, no sal, no cisal. Às vezes, na indústria de calçados nem sempre em condições aceitáveis para que as crianças possam trabalhar. No carvão, e assim por diante.

Só que isso sempre houve no Brasil. E houve em maior proporção. A diferença é que, agora, nós sabemos que existe. Nós combatemos. O governo se junta com a sociedade, fiscaliza, chama a atenção e os empresários e os trabalhadores se juntam na mesma campanha, para nós erradicarmos com essa questão. O número de fiscalizações feitas pelo Ministério do Trabalho é impressionante. Cerca de 600, na região do carvão, em Mato Grosso e em Minas Gerais.

Muitos que aqui estão, estavam aqui quando nós iniciamos um processo visando chamar a atenção para a questão do traba-

lho infantil, criar os grupos de trabalho e, depois, os mecanismos de fiscalização. E nós já fizemos várias fiscalizações. Nós modificamos a maneira de trabalhar na burocracia, para permitir que haja a fiscalização, porque um Estado que for organizado na ilusão inflacionária, com uma acumulação de riqueza enorme, preparado para servir só aos ricos, só aos que precisavam, é um Estado capenga, que não até hoje não tem as condições para fazer aquilo que nós queremos.

Não se trata, como tantos repetem, da vontade política. Eu tenho dito isso sempre. Vontade política eu tenho de sobra. E nós, aqui juntos, temos também. Não basta. Isso é uma visão autoritária, subjetiva de pensar que uma pessoa ou dez pessoas, porque têm vontade, resolvem. Não resolvem. É preciso que haja uma reorganização de tudo: da sociedade e da administração. É o que nós estamos fazendo. É o que nós estamos fazendo no Brasil. A sociedade está se reorganizando. E, aí, entram os empresários, os trabalhadores, a classe média, as organizações não-governamentais, a imprensa. E o governo também está se reorganizando, para poder permitir essa permeabilidade entre o desejo da sociedade e a ação eficaz do governo, uma vez assumida como própria dele, governo, aquilo que é vontade da sociedade.

E nós estamos fazendo, pouco a pouco. Não se faz de repente. O "pouco-a-pouco" não digo como quem se consola e como quem se contenta com o "pouco-a-pouco". É preciso acelerar mais.

Mas nós estamos mudando. A prova é o que nós já fizemos, depois da tomada de consciência do problema, em termos efetivos, e o que nós estamos nos propondo a fazer, em conjunto, com um pacto inédito, assinado por um grupo tão variado de pessoas, a partir do próprio presidente da República. Para quê? Para que nós

nos mobilizemos. Sem mobilização, nós não vamos resolver esse problema. É participação e mobilização, clareza nos objetivos, boa-fé, participação e mobilização, porque, senão, é fácil. Cobrar é muito fácil. Eu posso ficar cobrando do Congresso o dia inteiro. Adianta isso? Não, porque é falso. O Congresso tem lá seus problemas. Eu tenho os meus. Nós temos que nos entender, temos que lutar, nos reorganizar. Não adianta cobrar. É preciso organizar a ação, que é o que nós estamos fazendo.

Nós estamos passando de uma atitude retórica, de cobrança vazia, para uma atitude prática de cobrança e dizer: "Mas, olha, tem caminho. Vamos juntos. Tem caminho." Aí, quem não quiser percorrer o caminho é porque está contra. E é muito difícil ser contra objetivos consensuais. Isso é assim em tudo.

Hoje, os jornais publicam a primeira pesquisa do IBGE, que mostra quanta coisa mudou depois da estabilização. Mudou a distribuição de renda. Os que são economistas, sociólogos, sabem que mudar um pontinho na distribuição de renda é uma luta tenaz, tenaz, muito difícil. Mudou a distribuição de renda.

Agora, se nós não continuarmos avançando, não vai mudar mais. Para aí. Se nós não retomarmos o crescimento, para aí. Se nós não tivermos possibilidade de aumentar as condições de salário, para aí, não é isso? Mas mudou! Quer dizer, isso é um dado positivo. Houve uma mudança. O número de pessoas que tiveram acesso à escola aumentou. Aumentou tudo, melhorou tudo!

Não adianta, também, chorar o tempo todo e reclamar, dizer: "Ah, está ruim, está ruim." Mas estava pior. Está melhorando. Nós temos é que fazer com que melhore mais. E, aí, não há outro caminho senão esse que nós estamos percorrendo.

Isso não é para benefício do presidente

da República, para benefício de um partido, de um governo, de um governador ou de uma associação em particular. Não é essa a mentalidade. No momento adequado, cada um tem lá suas divergências. Mas, em certos momentos, é preciso que entendamos a natureza do problema e que atuemos em conjunto e que tenhamos a capacidade — que temos tido, todos aqui — de distinguir aquilo que é superável, em benefício da maioria da população.

Essa questão do trabalho infantil me parece que é simbólica, porque, realmente, é a degradação do ser humano. O que disse também o Francisco Urbano é uma verdade. Quer dizer, quem está sendo condenado pelo trabalho infantil não é só a criança, não. É o País, é o empresário, é a sociedade, é o governo, é o país.

Então, nós vamos nos unir. O ministro do Trabalho tem sido extremamente eficiente nas suas articulações, na sua disposição de dar curso àquilo que nós temos proposto. A demonstração, aqui, dessa união e a presença dos governadores tão numerosa — e os que não puderam vir, mandaram seus representantes — é um indicativo muito claro, bem como das centrais sindicais e dos patrões, dos patronais e, também, dos órgãos da sociedade civil, é uma demonstração muito clara de que nós estamos todos embuidos de uma nova mentalidade, que é uma mentalidade que tem esperança, mas que não fica feliz só por ter a esperança. Sabe que o que nos motiva é que nós temos que acabar com a indignidade no Brasil. E vamos dar um exemplo claro, lutando com muito afinco, na questão do trabalho infantil.

Quanto tempo vai demorar? Eu não sei. Vai ser fácil? Vai ser difícil. Mas nós já começamos. E o caminho se faz ao caminhar. Vamos caminhar juntos!"